

Análise da Base Nacional Comum Curricular: Introdução e Educação Infantil

Em primeiro lugar gostaria de elogiar esta versão da Base, por se tratar claramente de uma evolução em relação à primeira com que tive contato (creio que a segunda): avança-se mais no sequenciamento do processo de aquisição de competências e habilidades e estão nela incluídas competências socio-emocionais.

Na Educação Infantil, parte a que tive acesso novamente, há um caminho um pouco mais claro na introdução a uma cultura letrada e a conceitos de matemática. O Brincar aparece também mais associado a uma intencionalidade pedagógica.

Tendo dito isso, coloco aqui de forma sucinta meus comentários e sugestões, dado que tive pouco tempo para analisar o texto, por pedido explícito do MEC. Ofereço-me, se necessário, para me estender em cada ponto, se for-me dado tempo adicional.

Em primeiro lugar, sobre a **introdução**, teria a comentar o seguinte:

- A introdução acerta ao associar a motivação ao imperativo da equidade, mas parece um pouco na defensiva frente a possíveis críticas quanto à perda de autonomia de entes federados. Por outro lado, não esclarece ou orienta como currículos subnacionais possam ser criados;
- a menção aos PCNs e aos direitos de aprendizagem surgem, creio eu, para dar um sentido de construção histórica, de evolução da BNCC, mas atrapalham a compreensão do que se quer construir. Parecem mais uma declaração de princípios éticos, do que algo que possa efetivamente guiar gestores públicos e professores;
- o item 1.4, **Fundamentos Pedagógicos da BNCC** está bem escrita e dá orientações concretas que poderão ser úteis na elaboração dos currículos dos entes federados e das escolas. A definição de conceitos utilizados como competência e os três grupos de competências gerais na sua interrelação e sobreposições facilitam a compreensão do detalhamento que vem na sequência;
- senti falta, na caixa incluída na página 8, na segunda competência pessoal e social, da palavra “pacífica” logo depois de “resolução”;
- acrescentaria na mesma caixa uma nova competência, referente a autonomia, na seguinte forma: “Desenvolver autonomia e tornar-se progressivamente protagonista de sua própria vida escolar”
- incluiria na caixa referente a competências cognitivas, na página 9, “historicamente” precedendo a expressão “construídos”, para evidenciar que os achados científicos evoluem e são fruto da atividade humana (numa alusão à importância da História da Ciência);
- senti falta entre as competências comunicativas de menção a competências associadas a trabalho em equipe, fundamental para o mundo do trabalho e à vida em sociedade no século XXI
- achei a redação do item “**As competências gerais da BNCC e a intersectorialidade**”, na página 10, um pouco confusa. Os mecanismos para se evitar a fragmentação no processo de ensino não são mencionados e não há orientação alguma de como promover maior intersectorialidade.

Sobre o capítulo 3, **A etapa da Educação Infantil**, gostaria de fazer os seguintes comentários e sugestões:

- A BNCC contempla de forma bem mais adequada, nesta versão, a etapa de Educação Infantil, com orientações mais precisas. Além disso, o agrupamento dos campos de experiências, ao invés de áreas de conhecimento, faz muito sentido. Concordo com todas os novos objetivos incluídos nos campos de aprendizagem e com o sequenciamento a eles associados.

- É meritório que se mencione, como na página 2, a importância da constante articulação com as famílias, mas seria desejável incluir mecanismos mais concretos de trabalhar com os pais ou responsáveis uma proposta de continuidade concreta do que se trabalha na escola, já que nesta fase, ainda mais que em outras, a família tem um papel preponderante na educação da criança e isso poderia ser uma forma de ação afirmativa frente a bebês e crianças pequenas em situação de vulnerabilidade (como Escola de Pais ou visitas domiciliares intersetoriais de orientação)

- O item 3.2.1, sobre **intencionalidade educativa** dá orientações concretas e evita que a ênfase no brincar seja percebida como uma mera observação das crianças pequenas ou pior, uma desobrigação dos professores em relação ao processo pedagógico;

- Embora a menção a livros para bebês e crianças pequenas apareça no quadro que lista os objetivos de aprendizagem, senti falta dela no item 3.2.2. Fala-se apenas de textos escritos. Nesta etapa de escolaridade, mesmo bebês podem e devem ser expostos a livros próprios para a idade, para explorá-los, “ler” as imagens e ouvir adultos lendo suas páginas.

- Gostei do item 3.2.3 sobre **avaliação da aprendizagem**, especialmente pelo fato de se ter reconhecido que ela é necessária, embora o texto tenha me passado uma ideia de se estar na defensiva, ou seja, ao temer que esta avaliação se confundisse com os antigos testes de prontidão para a alfabetização, gastaram-se várias linhas explicando o que a avaliação não deve ser e poucas sobre como pode ser.

- O item 3.3, relativo aos **campos de experiências e objetivos de aprendizagem**, acerta ao colocar a criança como o sujeito da aprendizagem, o que deve ser reconhecido em todas as etapas da Educação Básica.

- Senti falta na página 9, referente a **linguagens e imaginação**, de menção à ampliação de vocabulário, importante esforço ao se tentar construir equidade, assim como à consciência dos sons contidos na fala, para posterior associação com letras no processo de leitura;

- Agradou-me, ainda na página 9, a referência à apropriação do sistema alfabético da escrita como parte dos objetivos de aprendizagem da pré-escola, incluindo as palavras de uso frequente.

- Nos quadros que contém o sequenciamento dos objetivos de aprendizagem para a Educação infantil, senti falta de maior detalhamento, como ocorre nos currículos de outros países, em especial de sugestão de atividades que concretizem cada objetivo. Achei também que a linguagem torna vaga a percepção do que se quer exatamente propor. Um currículo deveria, a meu ver, ser de mais fácil compreensão para quem vai ser responsável por sua utilização e até por pais de alunos. Dou um

exemplo: “Manusear diferentes portadores textuais” (página 14- Linguagens e imaginação-crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses).

- senti falta na pré-escola de uma menção clara ao reconhecimento de algarismos.

No geral, a Base Nacional Comum Curricular parece avançar e ganhará maior chances de utilização eficaz quanto mais clara e prática for para o professor e para os gestores, em integração com as famílias que podem e devem entender o que seus filhos irão aprender nesta etapa.